



Revista Conexão UEPG

ISSN: 1808-6578

revistaconexao@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

Sugahara, Cibele Roberta
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO AÇÃO SOCIOEDUCATIVA
Revista Conexão UEPG, vol. 8, núm. 2, julho-diciembre, 2012, pp. 167-169
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514151728003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO AÇÃO SOCIOEDUCATIVA

UNIVERSITY EXTENSION AS SOCIO- EDUCATIONAL ACTION

PUC - Campinas - SP

SUGAHARA, Cibele Roberta¹

RESUMO

A orientação da extensão para além dos muros da universidade como uma forma de conceber a extensão universitária educativa é entendida neste trabalho como um caminho de descobertas, uma abertura recíproca a novas dimensões do conhecimento humano. Acredita-se que as Instituições de Ensino Superior ao gerirem a extensão assumem-na como uma forma de abordagem das questões sociais que se efetiva com a difusão de conhecimentos. No entanto, como condição de realização a extensão deve reconhecer os limites de seu saber sem negligenciar o aspecto da interação para acolher contribuições do ensino e da pesquisa, numa linguagem clara para que cada um saiba exatamente o seu grau de participação como condição necessária para a transformação social. Sob esse enfoque esse trabalho traz uma reflexão sobre a metodologia de intervenção de extensão com ações socioeducativas na perspectiva do empreendimento cooperativo com vistas à autonomia de grupos em situação de vulnerabilidade social. Para tanto, propõe-se a preparação de atividades de intervenção em cooperativas a partir de oficinas socioeducativas de cunho interativo estimulando o desenvolvimento de habilidades para lidar com desafios típicos da autogestão como conflitos, divisão das tarefas e autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Cooperativa. Ações Socioeducativas. Extensão Universitária.

ABSTRACT

The orientation of extension beyond the walls of university as a way of conceiving the university extension education is understood here as a way of discoveries, a reciprocal opening to new dimensions of the human knowledge. It is believed that higher education institutions manage the extension as a way of addressing the social issues that are effective with the diffusion of knowledge. However, as a condition of

¹ Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Professora e Diretora da Faculdade de Administração da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora com projeto de extensão intitulado: Práticas Socioeducativas na Cooperativa de Costura de Americana-SP, cibelesu@puc-campinas.edu.br.

its realization, extension should recognize the limits of their knowledge without neglecting the aspect of interaction in order to receive contributions from teaching and research so that everyone knows exactly what is their level of participation as it is a necessary condition for social transformation. Under this approach, this study presents a reflection on the methodology of outreach intervention with social and educational activities in view of cooperative enterprise aiming at the autonomy of groups in situations of social vulnerability. We propose the preparation of intervention activities in cooperatives through socio-educational interactive workshops, encouraging the development of skills to deal with typical challenges of self-management such as conflict, division of tasks and autonomy.

KEYWORDS – Cooperative. Socio-Educational Actions. University Extension.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária possibilita o engajamento na vida social da comunidade. Ao se deparar com a realidade multifacetada urge as oportunidades de intervenção e trabalho educativo da extensão como prática para a transformação social articulada ao ensino e a pesquisa. A superação da indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino torna-se factível na medida em que a extensão permite questionar a própria realidade e incitar mudança na atitude de compreender e entender o contexto social.

Numa retomada histórica é importante destacar a concepção da extensão contemplada no Estatuto da Universidade Brasileira de 1931 cujo enfoque contemplava “dilatando os benefícios da atmosfera universitária àqueles que não se encontravam diretamente associados à Vida da Universidade, dando assim maior amplitude e mais larga ressonância às atividades universitárias, que concorrerão de modo eficaz, para elevar o nível de cultura do povo”. Entende-se então que a extensão deve ser um caminho de descobertas, uma abertura recíproca a novas dimensões do conhecimento humano. Em tempos atuais, as Instituições de Ensino Superior que gestam a extensão assumem-na como uma forma de abordagem das questões sociais que se efetiva com a difusão de conhecimentos.

Como condição de realização a extensão deve reconhecer os limites de seu saber sem negligenciar o aspecto da interação para acolher contribuições do ensino e da pesquisa, numa linguagem clara para que cada um saiba exatamente o seu grau de participação como condição necessária para a transformação social.

Partindo dessa colocação, propõe-se uma reflexão sobre a metodologia de intervenção de extensão com ações socioeducativas na perspectiva do empreendimento cooperativo com vistas à autonomia de grupos em situação de vulnerabilidade social.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A extensão universitária na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996 é considerada “um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.” Nessa colocação revela-se a orientação da extensão para além dos muros da universidade como uma forma de conceber a extensão universitária educativa para tentar diminuir a “compartimentização” entre a academia e a comunidade.

A extensão universitária educativa seria então, ao lado do ensino e da pesquisa, uma das possibilidades para problematizar a realidade. Ao contrário do que pode parecer a extensão universitária “é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade,

a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico” (BRASIL, LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996).

A concepção da extensão universitária, portanto, está intimamente ligada ao conceito de “práxis”, que se efetiva com a “estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora” (ROSSATO, 2010, p. 325). Do ponto de vista de quem realiza a extensão, acredita-se que ela é um “processo de atuação consciente que conduza a um discurso sobre a realidade para modificar esta mesma realidade”.

A percepção de tudo isso é indispensável à política que orienta Programas e Projetos de Extensão das Instituições de Ensino. Isso, necessariamente nos impõe o dever enquanto docentes e discentes de trazer um aprendizado que “submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento”. Por sua vez, neste “processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social” (BRASIL, LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Nº 9.394, 1996).

Tem-se então a extensão universitária como elemento aglutinador de questões norteadas por processos sociais. É nesse sentido que se faz necessário refletir sobre o trabalho interdisciplinar para a realização de ações socioeducativas como metodologia de intervenção em extensão.

Na perspectiva do trabalho interdisciplinar, Fernandes (2011, p. 147) afirma que a proposta interdisciplinar para a realização de atividades educativas leva ao aprendizado e permite “apreender com os fatos, com as situações, com a cultura, com as discussões e com as experiências vividas”. A ideia de Fernandes (2011) reporta ao diálogo com Brandão (1981, p.109), no que se refere à compreensão do trabalho educativo como uma “forma de luta possível, entre outras práticas sociais, para a transformação da sociedade”.

Nesse sentido, Fernandes (2011, p. 147) salienta que na extensão universitária

optar pelo trabalho interdisciplinar traz para as equipes um crescimento pessoal e profissional significativo; traz também o respeito e o reconhecimento da importância de outras áreas na realização do mesmo trabalho e um aprendizado rico na troca de saberes e experiências que alunos e professores poderão incrementar em suas salas e seus grupos de trabalho profissional

A compreensão da interdisciplinaridade como prática possível na extensão universitária ocorre em tempos e espaços indissociáveis da pesquisa e do ensino. Cabe destacar a interdisciplinaridade como “fator de transformação, de mudança social” (FAZENDA, 1996, p. 48).

Assim sendo, na perspectiva metodológica de extensão freiriana os projetos de extensão podem privilegiar a

vivência do ser humano, que em suas relações sociais, dá sentido e significado às palavras, ao seu contexto, na sua cultura e história, com intenção de humanizar o ser humano na ação consciente de interferir criticamente na transformação do mundo. (GRACIANI, 2010 p. 173).

E isso fica mais claro se considerarmos, como afirma Graciani (2010), que a extensão “implica a prática comunicativa entre os sujeitos que compartilham pensamento,

linguagem e o contexto vivido”. O que se pretende ressaltar é que, ao lado da necessidade dos aportes científicos para a geração de conhecimentos orientada pela pesquisa, faz-se necessário olhar a extensão como prática social comunicativa. É na convergência desse núcleo (ensino, pesquisa e extensão) que a extensão “inserida na ação educativa em sua riqueza, em sua complexidade” pode ser considerada “um fenômeno típico da existência humana” (FREIRE, 1996, p. 54).

TRABALHO COOPERATIVO UM DIÁLOGO POSSÍVEL NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A proposta de trabalho interdisciplinar na extensão em empreendimento popular como, por exemplo, a cooperativa se fundamenta no princípio do exercício de trabalho em comum com a troca de saberes individuais e coletivos. Esses espaços coletivos abrem caminho para a prática de metodologias de intervenção de extensão com ações socioeducativas interdisciplinares a partir da dimensão coletiva.

Acredita-se que o trabalho cooperativo realizado a partir da extensão universitária impulsiona o desenvolvimento de crenças e valores comuns entre as pessoas e, assim, ao participarem de ações socioeducativas como, por exemplo, as oficinas de qualificação desenvolvem novas formas de expressão oportunizando assim melhorias na gestão do espaço e na qualidade de vida.

Bialoskorski Neto (2000) ressalta que a gestão de um empreendimento cooperativo deve estar voltada aos desejos dos consumidores de serviços e produtos no mercado. Nesse ambiente, Amato e Rufino (2000, p.1) alertam sobre a importância dos valores de cooperação para a autogestão da cooperativa. Nesse sentido, as atividades na cooperativa devem ser baseadas, segundo os autores, em valores como “autoajuda, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade”. As práticas socioeducativas devem ser constituídas tendo como parâmetro os valores dos cooperados.

A ação pedagógica da extensão, como afirma Graciani (2010, p. 173), “se desencadeia e se desenvolve com base na leitura do mundo dos que participam do processo e identificam situações significativas ao seu redor e na realidade em que estão inseridos”. Nesse sentido é importante observar o contexto e o ambiente da comunidade envolvida para posterior ação consciente de intervenção. No ambiente cooperativo esse pode ser constituído por **cooperado pessoa-física** – nessa categoria estão os empresários individuais, que se reúnem para exercer, em comum, determinadas funções auxiliares da atividade econômica empresarial como, por exemplo, a aquisição de equipamentos; **cooperado pessoa-jurídica** – representado, na prática, pelas cooperativas singulares como associadas de federações e centrais, e por estas enquanto membros de confederações (PINHO, 1977, p. 15).

Ainda podem-se citar aspectos referentes ao espaço cooperativo que parecem ser relevantes para a escolha de ações socioeducativas de intervenção objetivando garantir a coerência entre a prática de extensão e a realidade do grupo. Portanto, essa perspectiva implica em conhecer as características do empreendimento popular, que no caso da cooperativa são expressas como:

- Cooperativa de Consumo – objetiva fornecer aos associados-usuários gêneros alimentícios ou de utilidade pessoal e doméstica em condições vantajosas comparadas às de outras empresas;
- Cooperativa de produção ou cooperativas operárias de produção ou de trabalhadores – foco na organização autônoma dos trabalhos com vistas à produção de determinados bens;
- Cooperativa de crédito – tendo como base as particularidades regionais fornecem subsídios para o financiamento de empreendimentos de seus associados como fazem, por exemplo, os Bancos Populares.

Para a realização das ações socioeducativas interdisciplinar nas cooperativas é importante que todos os envolvidos na atividade de extensão partam das características desse grupo lembrando que o foco é a organização autônoma dos trabalhos para fortalecimento dos grupos (como, por exemplo, cooperados). O foco são “indivíduos”, ou seja, cooperativas populares, empresas autogestionárias, empreendimentos populares, entre outros (RUFINO, 2005).

A concepção de Economia Solidária é vastamente discutida por Singer (2000) que a considera um modo de produção e distribuição alternativo. O autor destaca que na organização solidária o aprendizado se estende a todos os indivíduos da cooperativa. É nesse contexto que as práticas socioeducativas como oficinas de extensão com vistas à qualificação podem contribuir para transformar as relações sociais de grupos que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Graciani (2010, p. 174) afirma que

a preparação da prática, gera a possibilidade de criar, planejar ações de intervenção social que visem à transformação social, uma vez que seus protagonistas são sujeitos de sua construção, através da relação dialógica entre todos os participantes, mediados pela realidade social.

A preparação das atividades de intervenção em cooperativas pode se dar inicialmente com a proposição *oficinas socioeducativas* de cunho interativo estimulando o desenvolvimento de habilidades para lidar com desafios típicos da autogestão como conflitos, divisão das tarefas e autonomia.

CONSIDERAÇÕES

As ações socioeducativas de intervenção na extensão universitária devem conduzidas de modo participativo em um processo orientado a qualificação profissional, estímulo à reflexão na práxis e a criação de um ambiente de colaboração e respeito entre os sujeitos.

A questão que se quer apontar aqui é a do trabalho interdisciplinar na extensão universitária como forma propositiva de discutir alternativas aberta às demandas populares respeitando a experiência da comunidade envolvida no processo.

Dessa forma, participar do trabalho de extensão ofertadas no ambiente da cooperativa é uma oportunidade para o desenvolvimento técnico-profissional na profissão, inserção social e melhoria na renda familiar. É importante o desenvolvimento de ações socioeducativas de intervenção que propiciem condições para que a Cooperativa se torne autogestionária.

REFERÊNCIAS

- BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Política institucional de monitoramento da autogestão das cooperativas do Estado de São Paulo**: uma proposta preliminar de metodologia, pesquisa e implantação. Resultados da primeira fase. FAPESP, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. Brasiliense, 1981.
- BRASIL, LDB. Lei 9.394/96 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 02 maio. 2012.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FERNANDES, Mônica Abranches. Trabalho Comunitário: uma metodologia para ação coletiva e educativa da extensão universitária em comunidades. (Org.). **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES)**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2011
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRACIANI, Maria Stela. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- PINHO, Diva Benevides. **Economia e cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977.
- ROSSATO, Ricardo. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- RUFINO, Sandra. A dinâmica das redes de cooperação na economia solidária. In: **Redes entre organizações: domínio do conhecimento e da eficácia operacional**. São Paulo: Atlas, 2005.
- SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In.:
- SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo (Org.). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

